



A proposta do teólogo suíço, na boa tradição de mediação de conflitos, é retomar o diálogo, mas, sobretudo, desenvolver relações de confiança entre as pessoas, as igrejas e as religiões. “O diálogo se instaura quando ocorre uma atitude de abertura e escuta do outro, do diferente; quando se reconhece o outro como sujeito portador de uma liberdade e dignidade fundamentais”¹⁷.

Endereço do Autor:

R. Gal. João Severiano da Fonseca, 840 – Araés
78005-600 Cuiabá, MT
E-mail: antoniocarlosrib@gmail.com



Resumo: O autor se pergunta como encontrar um ensinamento ecumênico no ensino e na ação evangelizadora de Paulo. Mostra que para Paulo, o anúncio do kerigma não prescinde do diálogo com as culturas e os credos, e que a afirmação da identidade cristã e eclesial acontece num processo relacional com as diferentes formas de crer.

Abstract: The author intends to discover an appropriate approach to arrive at an Ecumenical treatment to be made available both for teaching and action in the light of Saint Paul's apostolate for evangelization. It shows that the message of kerygma (preaching of the Christian message) does not prescind from the dialogue with various cultures nor with different creeds. A recognition of Christian and ecclesial identity is to be obtained through growth in valuing different formulations of religious creeds and professions of faith.

O ecumenismo em Paulo

*Elias Wolff**

¹⁷ TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio. *Horizonte*, 2 (3): 25, 2º sem. 2003.

* O autor é Doutor em Teologia e professor no ITESC.



Encontrar no pensamento e na ação de Paulo elementos que orientem a prática ecumênica dos cristãos e das igrejas dos nossos tempos é, para muitos, difícil, se não impossível. Há quem pense que o fervor de Paulo pela pregação cristã não combina com ecumenismo, e muito menos com diálogo inter-religioso. A grande preocupação era a afirmação da identidade cristã, a criação e a organização de comunidades, fazer discípulos e discípulas de Jesus Cristo. E isso acontecia pela explicitação clara e convicta do *kerigma*: Jesus Cristo foi crucificado, morto e sepultado, mas ressuscitou e agora está presente na comunidade (1Cor 15, 3-5). Cristo, e somente Ele, é Deus, Senhor e Salvador. Esse anúncio entra em conflito com a religião oficial (At 18, 12ss; 21, 27ss; 23, 1ss.), e não recebe atenção em outros ambientes (At 17, 132). Paulo combate a tendência judaica da auto-justificação pela Lei, e a idolátrica da religião dos romanos (Rm 1-2).

Como anunciar Jesus e, ao mesmo tempo, dialogar com outras religiões, outros credos, outras correntes de espiritualidade? A afirmação da identidade cristã e o diálogo podem estar juntos? O que Paulo tem a dizer para a unidade dos cristãos de hoje?

Na história de Paulo, temos um momento de fechamento e outro de abertura ao diálogo. Enquanto ligado ao judaísmo, Paulo é fechado ao diálogo, apegado à Lei como condição da salvação (Gl 2,19) e por ela combate. O momento da abertura surge com a conversão ao cristianismo. A própria conversão é já, em si mesma, um processo de diálogo, enquanto busca da verdade, que dá humildade para reconhecer limites. Culturalmente, e na estrutura de sua personalidade, Paulo permanece judeu. Mas tem uma proposta religiosa diferente, que dele exige superação e ampliação do horizonte de suas convicções. Portanto, em Paulo, há um permanente diálogo: consigo mesmo, com a Igreja, com as culturas, com as religiões.

É no Paulo já cristão, maduro na fé, que vemos abertura para o diálogo. Como cristão, ele abandona a perseguição e agressividade para com quem crê diferente. Isso não é fraqueza. O que Paulo mostra é que não se faz alguém cristão pela força. E compreende que, frente às diferentes propostas religiosas, é preciso uma postura de diálogo, para apresentar de modo convincente a mensagem cristã (At 17). Em Paulo, diálogo e anúncio vão juntos; ele procura entrar na lógica das pessoas para apresentar a sua: faz-se judeu com judeu, grego com grego (1Cor 9, 20ss). Isso é mais do que um esforço de inculturação: é reconhecimento do espírito religioso presente nos outros e valorização da abertura a Deus que as pessoas possuem.



Tratando mais diretamente da unidade dos cristãos, Paulo mostra que um primeiro passo é admitir que a existência de divisões contradiz a palavra da reconciliação recebida (2Cor 5,19). São os desvios dessa palavra que levam à fixação em realidades humanas que dividem: “Já que há entre vós ciúmes e contendas, não é que sois carnis e vos comportais de maneira meramente humana?” (1Cor 3,3). Por isso, a comunidade cristã, dividida entre líderes, doutrinas, estruturas, leva à pergunta: “*será que Cristo está dividido?*”... (1Cor 1,13).

A recuperação da unidade exige recuperar o fundamento comum, Jesus Cristo, como sintetizado no *kerigma*: Cristo morreu, foi sepultado, ressuscitou e agora está vivo na comunidade (1Cor 15,3-5). Por isso, agora “*há um só corpo e um só Espírito ... uma só esperança; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por meio de todos e permanece em todos*” (Ef 4, 1-6). Esse fundamento foi lançado por Paulo, mas é preciso que todos os cristãos trabalhem juntos para mantê-lo como razão de ser da vida cristã e da Igreja (1Cor 9-10). E enquanto houver divisões, não se expressa o fundamento comum. Por isso Paulo suplica: “em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia e não haja divisões entre vós; sede bem unidos num mesmo espírito e num mesmo pensamento” (1Cor 10).

Portanto, fica claro que em Paulo há uma orientação e uma prática ecumênica que se expressa pelo fato de ele constatar a divisão dos cristãos e apelar para que essas divisões sejam superadas. Claro, no tempo de Paulo não se pensava o ecumenismo como se propõe pelo movimento originado nos inícios do século XX. Havia o pluralismo de igrejas, mas certamente não tantas disparidades doutrinárias e institucionais como se tem hoje. Paulo fala para as comunidades do seu tempo. Mas seu ensinamento pode, e deve, ser atualizado para as comunidades e igrejas cristãs da atualidade.

As orientações de Paulo a favor da unidade dos cristãos são doutrinárias e também pastorais. A fé comum, o batismo comum, a pertença ao mesmo corpo (1Cor 12, 12-31) exige dos cristãos a criação de laços fraternos, espaços e meios de reconciliação: “*que em toda humildade e mansidão, com paciência, suportem-se uns aos outros no amor*” guardando “*a unidade do espírito pelo vínculo da paz*” (Ef 4,3). A expressão maior da comunhão entre os discípulos e discípulas de Cristo é o amor. Amor que está acima do dom de falar em línguas, da profecia, da solidariedade, da paciência, inclusive acima da própria fé (1Cor 13). Tudo passará, somente o amor permanecerá. Vivendo esse amor, os cristãos poderão ver claramente a verdade pessoal



e a do outro, de sua comunidade de fé e da outra, superando os limites da inteligência. A vivência do amor exige paciência, o serviço, não ter ciúme, não se vangloriar, não ter orgulho, não ser egoísta, não ser injusto. E concede a alegria na verdade, a capacidade de pedir desculpas, a fé, a esperança.

Tal ensinamento é profundamente ecumênico. Aqui Paulo apresenta às igrejas e aos cristãos divididos do nosso tempo o desafio de amar no amor de Cristo, para que as divisões sejam superadas. Nesse amor, as inteligências se abrem, compreendendo que “aquilo que une é maior do que o que divide”. Paulo identifica o amor com o próprio Cristo. Ele é “o amor de Deus derramado em nossos corações” (Rm 5,5). Por isso pergunta: “*Quem nos separará do amor de Cristo?*” (Rm 8, 35). Assim, onde antes existia “hostilidade profunda”, agora existe a reconciliação em Cristo (Cl 1, 21-21). Quando unidos nesse amor, “*não há mais nem judeu nem grego; já não há mais nem escravo nem homem livre, já não há mais homem e mulher; pois todos vós sois um só em Jesus Cristo*” (Gl 3,28).

Isso é condição para que todos os cristãos formem o único corpo de Cristo. Mas, onde há o amor, há liberdade, para a qual fomos chamados (Gl 5,1). E onde há liberdade, há diferenças. Entre os membros do único corpo, as diferenças provêm do mesmo Espírito, que concede dons, carismas, ministérios diferentes em prol da comunhão (1Cor 12, 4-11). Aqui Paulo apresenta um modelo de unidade da Igreja: *unidade na diversidade*. A Igreja não é uma comunidade de iguais em suas necessidades, forma de ser, pensar e agir. A igualdade é na fé e no amor. Mas existe diversidade nas formas de se viver a fé e o amor. E respeitar essas diferenças é acolher os diferentes modos com os quais o Espírito se manifesta na comunidade. Assim, Paulo supera toda tendência ao uniformismo, tentativas de anular as diferenças, falta de liberdade. O corpo de Cristo, sua Igreja, se constitui não “apesar”, mas “a partir das” e “nas” diferenças. Esse ensinamento de Paulo é fundamental para uma eclesiologia ecumênica: mantendo as singularidades das igrejas do nosso tempo, reconciliem-se as diferenças, orientando-as para que expressem a riqueza da comunhão na mesma fé.

Finalmente, perguntemo-nos: Que exigências concretas Paulo apresenta para o agir ecumênico das igrejas e dos cristãos? Primeiramente, a convicção de que “*há um só Senhor, uma só fé, um só batismo*” (Ef 4,5). E há, portanto, uma só Igreja, que se fundamenta no único Senhor, na única fé, no único batismo. As diferentes tradições eclesiais são convi-



dadas a refletirem em que medida expressam coerentemente a unicidade da fé e do batismo no único Cristo, Senhor, Deus e salvador.

Como segunda exigência, está o exemplo da *kênosis* de Cristo. Ele, sendo de condição divina, fez-se igual a nós, para dialogar “de igual para igual” na condição humana (Fl 2, 6-8). As igrejas em diálogo precisam viver o processo kenótico de Cristo que leva à humildade, ao reconhecimento das próprias limitações, à valorização do outro, a colocar-se na mesma condição do interlocutor. O diálogo não avança onde há reivindicação de superioridade, onde há orgulho e pretensão de exclusividade. A humildade na apresentação da compreensão da própria verdade cria disponibilidade para compreender a verdade do outro.

Como terceira exigência, Paulo apresenta a necessidade de se criar relações de fraternidade: “*Acolhei-vos uns aos outros como o Cristo vos acolheu, para a glória de Deus*” (Rm 15, 7). Os cristãos precisam amar-se no amor fraterno (Rm 12,10. 14,15; 1Ts 4,9), um amor sem hipocrisia (Rm 12, 9), na bondade e sem fingimento (2Cor 6,6).

Como quarta exigência, Paulo pede para que os cristãos sejam “*servos uns dos outros*” (Gl 5,13), tal como somos servidores de Deus (Rm 6,22.9.12).

Finalmente, Paulo pede: “*deixai-vos reconciliar*” (2Cor 5,20), pois fomos por Cristo reconciliados com Deus e tornados *ministros da reconciliação* (2Cor 5,18-19). Os cristãos são, assim, “*embaixadores de Cristo*” que reconcilia, pelo que devem viver em paz uns com os outros (1Ts 5,13). Assim, serão “*novas criaturas*”, pois “*o mundo antigo passou, eis que aí está uma realidade nova*” (2Cor 5, 17). Tal é o que propõe o pensamento ecumênico de Paulo para as igrejas e os cristãos em busca da unidade.

Endereço do Autor:

Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC

Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524

Pantanal

88040-001 Florianópolis, SC